

Amor que não passa com a morte: o vivenciar do adolescente diante da morte materna

DOI: 10.5935/1984-9044.20220009

Denise Sasso¹; Verena Augustin Hoch²

Resumo: O laço de afeto e proteção entre mãe e filho se desenvolve e fortalece durante todas as fases de desenvolvimento do indivíduo – infância, adolescência, vida adulta. Nessa perspectiva de desenvolvimento, a adolescência é vista como o período em que a pessoa está em busca da construção e consolidação da sua identidade, onde encontra-se no auge de sua energia vital. Nessa fase, tudo gira em torno do viver, e em consequência disso, a ideia da morte praticamente inexistente. Este estudo teve por objetivo, portanto, compreender o impacto da morte materna na perspectiva do filho adolescente, a elaboração do luto e as repercussões dessa vivência na fase adolescente e jovem adulta. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida através do método fenomenológico existencial, em que foram entrevistadas quatro jovens adultas que perderam a mãe quando ainda eram adolescentes. Evidenciou-se que a morte materna foi uma experiência devastadora para elas, onde houve a presença e a vivência de diversos sentimentos dolorosos que ainda repercutem em suas vidas jovens adultas.

PALAVRAS-CHAVE: laço mãe-filho; adolescência; morte; sentimentos; vivências.

The love that does not pass with death: the experience of teenagers faced with their mother's death

Abstract: The bond of affection and protection between mother and child develops and strengthens over all the individual development stages – childhood, adolescence, adulthood. In this development perspective, adolescence is seen as the period that the person is seeking the construction and consolidation of its identity, which lies on the height of your

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste – SC. E-mail: denise.sasso@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Professora do curso de Psicologia, Coordenadora do Serviço de Atendimento Psicológico – SAP da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste – SC. E-mail: verena.hoch@unoesc.edu.br.

life energy. At this stage, everything revolves around the life, and as a result, the idea of death is neglected. This study aims, therefore, understand the impact of maternal death in teenagers's perspective, the elaboration of mourning and the repercussions of that experience in adolescent and adulthood. This is a qualitative research, developed through the existential phenomenological method. Four young adults who have lost their mother when they were teenagers were interviewed. It was demonstrated that the mother's death was a devastating experience for teenagers. There was the presence and experience of many painful feelings that still reverberate in their young adult lives..

KEY WORDS: Mother-child bond. Teenager. Death. Feelings. Experiences

Introdução

A família fornece os cuidados necessários para a sobrevivência da espécie, ou seja, dos filhos, sendo está uma de suas principais funções. Conforme Biasoli-Alves (2001 apud Pratta, Santos, 2007), os adultos que compõem o sistema familiar têm papel central no desenvolver da adolescência dos filhos, pois oferecem a base inicial, a bagagem de regras e normas ditas essenciais para a vivência social. Atuando também como modelos introjetados, geralmente como ideais, onde as atitudes e

comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem.

Nesta dinâmica de cuidado, a mãe, de maneira mais ativa, proporciona afeto, suporte e continência para as ansiedades advindas do desenvolvimento e crescimento dos filhos, representando-se como auxílio na superação das “crises vitais”, como a adolescência. Criando também um ambiente permissivo ao processo de desenvolvimento cognitivo e emocional do filho adolescente (Pratta; Santos, 2007; Zamberlan, 2002).

O vínculo entre mãe e filho vem a ser o mais forte de todos os laços humanos. Esta ligação surge antes do nascimento, onde o bebê se desenvolve dentro de uma parte do corpo da mãe, e se estabelece ainda mais após o nascimento, onde a figura materna garante sua sobrevivência (Klaus; Kennell, 1993). A mãe fornece uma base segura a partir da qual o filho possa explorar o mundo de forma a sentir-se amparado física e emocionalmente, além de confortado e encorajado (Borsa, 2007).

Já o pai é a primeira pessoa que mostra ao filho que ele pode confiar em mais alguém, além da mãe. A presença paterna difere no desenvolvimento cognitivo, emocional, linguístico e nos aspectos sociais. A participação do pai desde a gestação, reflete diretamente na forma como será a relação com o seu filho no decorrer de diferentes momentos ao longo da vida – infância, adoles-

cência, e vida adulta (Santos; Kreutz, 2014).

A adolescência é compreendida como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Nessa perspectiva de ligação, a adolescência é compreendida como um período atravessado por crises e emoções intensas, que encaminham o jovem na construção e consolidação da sua identidade (Frota, 2007; Wagner et al., 2002). Segundo Papalia, Olds e Feldman (2010), esta fase geralmente se apresenta no período dos onze, até os dezoito anos, variando conforme a singularidade de cada pessoa.

Da infância até a adolescência, ocorrem várias transformações corporais, hormonais, emocionais, de relacionamentos/amizades, opiniões e valores. “Nessa etapa do desenvolvimento, o indivíduo passa por momentos de desequilíbrios e

instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado, incompreendido” (Pratta; Santos, 2007, p. 253).

Conforme Kovács (2008), a adolescência como fase de transição, é o período em que o sujeito se prepara para a vida social, profissional, afetiva e emocional, em que toda a energia é canalizada para a vida. O adolescente vive as descobertas e conquistas enquanto indivíduo próprio, onde a possibilidade de deixar de existir é negada, ou seja, a ideia da morte inexistente. É como se houvesse a tentativa constante de negligenciar a morte. O adolescente não pensa na própria finitude, nem das pessoas que o rodeiam.

A morte é reconhecida como natural, universal e inevitável, entretanto, o ser humano tem dificuldade de aceitar e pensar na sua própria finitude. Por mais que seja um acontecimento que faz

parte da vida humana, está inserida em um contexto de negação. É difícil para o homem aceitar que deixará de existir (HOHENDORFF; MELO, 2009), e para o adolescente, que se encontra no auge das descobertas e no desenvolver de sua identidade, pensar que talvez tudo isso será interrompido é algo inconcebível, o que torna a ideia de morte ainda mais amedrontadora, e consequentemente negligenciada por eles.

Por assim dizer, a adolescência é vista como uma etapa previsível da vida humana, a qual é carregada de medos, incertezas e mudanças. Já a morte, é um acontecimento imprevisível, de difícil vivência e elaboração, ainda mais quando diz respeito a figura materna. Diante da morte na família, o adolescente acaba se deparando com a finitude humana, que rompe com sua credibilidade na vida. A morte gera grande desestruturação, culminando em abalo emocional e social, exigindo

reorganização individual, bem como familiar, pois “a mãe é quem mantém a família unida, a coesão deste grupo, sendo responsável pela respeitabilidade familiar e pelo cuidado para que tudo esteja no lugar correto” (Meles, 2014, p. 74).

Conforme apontam Gomes et al. (2006), a morte materna pode gerar problemas na família em duas esferas: emocional, que é revelada pelo choque e impacto advindo da morte, bem como desespero, surpresa, incerteza, não aceitação e medo do futuro; e social, quando a família se depara com o conflito de relações, com a falta de sustentação na transmissão de regras morais e sociais. “A família sofre não apenas a perda da mãe ou o pilar da família, mas também com o fato que o bem estar e a sobrevivência de suas crianças [e adolescentes] estão sob sua responsabilidade” (Gomes et al., 2006, p. 54).

Sabendo que o vínculo entre mãe e filho se origina ainda antes do nascimento, se desenvolvendo e fortalecendo durante o crescimento do filho, a morte da genitora representa o rompimento dessa ligação, desse laço. Este estudo teve por finalidade, portanto, compreender o impacto da morte materna na perspectiva do filho(a) adolescente, a elaboração do luto e as repercussões dessa vivência na fase adolescente e jovem adulta.

“A morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (KOVÁCS, 2008, p. 153).

Após a morte, ou até mesmo antes, terá início o processo de luto. Este que é designado como uma reação natural e esperada frente a

perda de um ente querido, como um processo de reconstrução e reorganização diante da morte, e que poderá ser vivido tanto individualmente como no contexto familiar (Delalibera *et al.*, 2015). O processo de luto do adolescente poderá exigir uma elaboração maior, findar com as estruturas defensivas, precipitar respostas extremas, como negligenciar sentimentos e reassumir o papel, em parte, da pessoa que morreu, além de forçar responsabilidades da vida adulta (Meles, 2014). Acredita-se que a vivência da morte materna poderá desencadear sentimentos que serão vividos mais intensamente na adolescência, por ser uma fase marcada pelas mudanças, instabilidades físicas, emocionais e sociais pelas quais o jovem passa.

O adolescente pode negar sentimentos decorrentes da morte na tentativa de amenizar seu sofrimento e dor, além de encarar a perda como fatalidade. Os proces-

sos de defesas são decorrentes de qualquer luto, e são relativas aos processos mentais e aos comportamentos que buscam alívio do sofrimento causado pelo luto. (Peruzzo *et al.*, 2007).

Diante disto, a psicologia é de extrema importância, pois o psicólogo poderá auxiliar o adolescente na elaboração da sua perda, na expressão de sentimentos e na reestruturação diante da sua nova realidade. Podendo atuar, logo após o acontecimento, ainda na adolescência, bem como na fase jovem adulta, e até mesmo na vida adulta.

O psicólogo oferece um lugar onde o indivíduo pode, auxiliado, expressar suas emoções em relação à morte materna, seus sentimentos de hostilidade, ansiedade, inquietação e de culpa. Essa liberdade é provocada pela atitude amigável, interessada e receptiva do psicólogo, que se coloca empaticamente e livre de pré-

conceitos e julgamentos, de forma a acolher e auxiliar a pessoa em sofrimento (Rogers, 2005).

“É importante que as vivências relativas à morte sejam elaboradas e que permitam ao sujeito processos de ressignificação da vida e, consequentemente, rearticulação de projetos” (Peruzzo *et al.*, 2007, p. 93).

Este estudo tem relevância significativa para a área da psicologia, pois é importante compreender os mais diversos sentimentos, pensamentos e comportamentos que se originam a partir da perda, bem como, a maneira que ocorre a elaboração do luto. Ressaltando que a morte da figura materna é elaborada de modo diferente diante da particularidade de cada adolescente, entretanto, alguns pontos e questões se mostram iguais ou semelhantes.

Ressaltando que, além dos psicólogos, qualquer outro público poderá se beneficiar com o estu-

do, pois este proporcionará uma melhor compreensão sobre o assunto, tais como abordagem, acolhimento, um olhar e cuidado mais humanizados diante da pessoa que se encontra em sofrimento. Além de ser um acréscimo ao tema, pois se encontram poucos materiais que abordem a experiência do adolescente diante da vivência da morte materna.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com quatro jovens adultas que se encontravam, no dia da entrevista, entre dezenove e vinte e quatro anos, e que haviam vivenciado a perda da mãe entre os onze e dezoito anos, ou seja, na fase da adolescência.

O período denominado jovem adulto acontece ao fim da adolescência, na fase intermediária e final da segunda década de vida, onde os jovens não são mais adolescentes, porém ainda não se

tornaram plenamente adultos (Papalia; Olds; Feldman, 2010). A escolha desse público se fez pelo fato delas já terem passado pela vivência há algum tempo, e que em consequência disso, a verbalização da experiência se tornaria mais fácil.

Cada entrevista aconteceu em local e horário marcado, perante a disponibilidade de cada entrevistada. As quatro pessoas foram selecionadas por conveniência e são do Extremo Oeste Catarinense.

Após ser explicado o objetivo da pesquisa, e mediante a concordância por parte da jovem adulta em participar, foi solicitado a assinatura ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, uma para o pesquisador e a outra para a entrevistada. A pergunta norteadora da pesquisa foi de caráter aberto: “Como foi para você vivenciar está perda?” Foi utilizado durante

as entrevistas um gravador de voz, com o propósito de preservar os detalhes e particularidades relatadas. Posteriormente cada entrevista foi transcrita integralmente.

Prezando pelo respeito e sigilo diante de cada entrevistada e sua história, optou-se em manter o anonimato, utilizando-se pseudônimos como forma de identificação: A1, A2, A3 e A4. A letra “A” denominando “Adolescente” e o número subsequente à letra para representar a ordem das entrevistas, primeira (1), segunda (2), terceira (3) e quarta (4) entrevista.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, utilizou-se o método Fenomenológico Existencial para coleta e análise de dados, pois o conteúdo colhido é de essência puramente vivencial da pessoa entrevistada. O foco central da investigação fenomenológica é a experiência vivida no mundo da

vida, que é o mundo cotidiano, onde o indivíduo vive, age, planeja, onde é feliz ou infeliz. É retornar à experiência vivida e sobre ela fazer uma profunda reflexão, que permita chegar à essência do fenômeno. Procura captar, ao chegar na essência, o sentido ou o significado da vivência para a pessoa sobre determinada situação que por ela foi experienciada em seu existir (Forghieri, 2004; Silveira; Fisher; Olivier, 2010).

Utilizou-se também a Versão de Sentido, que pode ser denominada como instrumento Fenomenológico Existencial facilitador. Esta consiste na descrição imediata, livre e espontânea, após o encontro com a pessoa, onde é relatada a maior quantidade possível das vivências compartilhadas entre o pesquisador e a pessoa entrevistada, como uma forma de compreender o significado das vivências. A Versão de Sentido transmite a vivência do pesquisador, bem como, o sentido da rela-

ção vivenciada pela pessoa entrevistada (Boris, 2008; Amatuzzi, 2008).

Apresentação e discussão dos casos

Ao buscar atingir o objetivo desta pesquisa e compreender as vivências e elaborações das adolescentes diante da experiência da morte materna, realizou-se análise detalhada de cada entrevista, a fim de identificar sentimentos, reações e as formas de elaboração do luto.

A discussão se baseará nas fases do luto descritas por Kübler-Ross (2008) – negação, raiva, barganha, depressão, aceitação – realçando diferenças e semelhanças na vivência do luto adolescente. Vale ressaltar, para melhor entendimento, que duas das entre-

vistadas (A1, A2) perderam a mãe em consequência do câncer, e tiveram a presença do pai após a morte. Já as outras duas (A3, A4), perderam a mãe de maneira abrupta e não tiveram a presença paterna e familiar após a perda.

A imortalidade não existe: o dar-se conta do adolescente diante da morte

Na adolescência, o indivíduo canaliza sua energia vital para descobrimentos e prazeres, reagindo consequentemente, como um ser imortal. Essa ideia de imortalidade, que tem seu auge nesta fase,

acaba distanciando o adolescente da ideia da morte (Kovács, 2008). Por conseguinte, vivenciar a morte da mãe faz com que o adolescente reveja sua ideia de imortalidade. A morte materna destrói o laço existente entre mãe e filho, e esse rompimento desperta uma série de reações e sentimentos, o que se pode observar a partir das falas ditas pelas entrevistadas que se desestabilizam diante da morte.

[...] é impactante vivenciar a morte de alguém próximo (pausa), viver na própria pele, tipo, ali, uma pessoa perto, próxima de ti (A1).

[...] e naquilo a tata saiu e falou: ela morreu! Eu não sabia o que fazer, eu comecei a gritar, a chorar, a me desesperar, foi um choque (pausa longa), ela morreu e tu não se toca muito do que aconteceu, eu não entendia o que que estava acontecendo (A4).

A presença materna é um pilar fundamental na construção e

desenvolvimento dos filhos. É dela que a criança nasce, e é com o auxílio dela que o filho se desenvolve, formando um vínculo de dependência e interdependência entre ambos (Borsa, 2007).

[...] desde o primeiro momento, mesmo eu não sendo ligada, mas minha mãe sempre né, minha mãe, minha mãe, minha mãe (A3).

[...] ela era tudo, acho que pra todo mundo a mãe é tudo (A4).

A quebra desse vínculo, o dar-se conta que a morte realmente existe, culmina em desespero e tristeza, além dos sentimentos de perda, medo e solidão, onde o adolescente acaba se deparando com as características essenciais da morte, sua irreversibilidade e universalidade (Kovács, 2008).

[...] sentia muita falta, uma falta de quem não ia voltar (pausa), diferente daquela falta que a gente sentia quando ela ia e ficava uma

semana em Chapecó, mas que final de semana ela estava ali, porque dali eu sabia que ela voltava (A2).

Fica evidente, nesta fala, o conhecimento que a jovem adolescente teve sobre a morte. Inicialmente, a entrevistada sabia que a mãe voltaria do tratamento, por mais que ficasse uma semana sem vir para casa. Havia concomitantemente a vivência do sentimento de falta, que pode ser visto também como um sentimento de saudade e expectativa da volta para casa. Entretanto, com a perda concreta a vivência se modificou, pois a filha se deu conta da existência e irreversibilidade da morte. Ocorreu a perda da vida que até então considerava normal, bem como do laço de afeto e cuidado. A linha de continuidade da vida teve seu fim, houve perda de sonhos, expectativas e esperanças (Cardoso; Santos, 2013). Se observa a partir dos relatos que estas perdas foram

sentidas pelas quatro adolescentes.

Conforme percebeu-se nas entrevistas, perder concretamente a mãe (pela morte) foi sinônimo de perder uma base de sustentação, proteção, cuidado e carinho. Ficar sem esta figura de proteção as deixou com a sensação de desamparo e incerteza, sabendo então, que enfrentariam muitas coisas pela frente. Além de sentirem medo em consequência do abandono e do caminho incerto do qual estavam se inserindo. Era a vivência de temor em relação a vida e ao futuro. Por vezes, esse sentimento de temor era apenas vivido, como se não houvesse denominação correta para representá-lo.

[...] eu me desesperei, chorei, eu tinha muito medo (A3).

[...] eu era muito ligada com a minha mãe, desde ali começou a mudar a minha vida, porque daí tu começa: como que vai ser minhas

coisas daqui pra frente? Era muito difícil (A4).

Ainda em relação à experiência das adolescentes com a morte da mãe, percebeu-se que estas apresentam grande dificuldade em expressar verbalmente os sentimentos vividos a partir da perda, bem como, dificuldade em lembrar como foi experienciar a morte de alguém tão próximo.

[...] quando ela faleceu então, na hora não cai a ficha né, que a gente não (pausa), não cai logo, mas daí é muito difícil, foi bem complicado, porque na verdade a gente nunca aceita que é com a gente, com nós, com um familiar próximo, e (pausa) bom, eu não consigo lembrar de muita coisa, mas foi bem complicado assim (A1).

A questão de esquecer das reações e sentimentos pela morte da mãe é uma forma de tentar negar o acontecimento e proteger-se psiquicamente. Esquecer para diminuir o sofrimento e tristeza,

pois lembrar dói, além de doer ter que aceitar que isso aconteceu. É doloroso pensar e aceitar a morte.

[...] no começo, claro, foi um baque total, mas assim, eu não me lembro mais muita coisa, eu só sei que eu sofri muito mesmo (A3).

A dificuldade em expressar verbalmente os sentimentos vividos pode estar relacionada ao abalo emocional causado pela morte. O impacto parece ter sido tão forte que não teriam sentimentos suficientes ou certos para tentar descrever o que é vivido e sentido com a perda da mãe. Não há palavra que defina corretamente como foi para a filha experienciar e dar-se conta da morte.

[...] foi bem difícil, foi bem complicado (pausa), foi muito triste (A1).

[...] é bem complicado dizer assim, porque eu não sei, isso foi um trauma tão grande que eu não, eu não sei, me desliquei disso (A3).

O que predominou foram as palavras: “difícil”, “tristeza” e “dor”. Dificuldade de aceitar e lidar com a situação. Tristeza por ter perdido, por não ter mais a presença materna, e dor pelo vazio e abandono, pela quebra do laço afetivo.

Das entrevistadas que perderam suas mães de forma repentina e inesperada, observou-se a vivência e prevalência dos sentimentos de raiva pela forma abrupta da perda, sem haver preparo, e de injustiça, do porquê comigo e com a minha mãe, pois ela era querida como pessoa e não era justo ter morrido sem poder aproveitar mais a vida. Bem como, de ser injusto com eles, tão jovens e sem ter a presença materna, sem ter com quem contar. Além de sentirem-se confusas, pois tudo aconteceu rapidamente, sem a possibilidade de preparação. As jovens adolescentes se desestabilizaram, pois não entendiam corretamente o que estava acontecendo, porque

até então, a morte era negligenciada, ela não existia.

[...] eu era muito chorona, chorava, chorava, eu ficava no quarto só chorando, eu me trancava no quarto e só chorava (A3).

[...] Por que comigo? Por que com a minha mãe? A gente nunca aceita que é com a gente (A4).

Já nos casos em que a morte materna ocorreu em consequência de uma doença terminal, os sentimentos que mais prevaleceram foram de tristeza, compaixão pelo sofrimento que a mãe estava passando em decorrência do quadro clínico, e dor pela perda.

A confirmação de uma doença, por mais que não se saiba se haverá possibilidade de cura, passa a ser sentida como uma ameaça de morte, rompendo o equilíbrio individual e familiar – nas histórias de vida das duas adolescentes entrevistadas, a doença pela qual a mãe morreu foi o câncer. Há

uma grande vinculação entre o câncer e a ideia de morte. Existem várias doenças fatais além do câncer, entretanto a ideia que se tem, é que diferente das demais, o câncer destrói a pessoa, tanto física, como psicologicamente (Maia, 2005).

A partir das entrevistas se percebe que os sentimentos foram, de certa forma, negligenciados, porque com a morte a mãe parou de sofrer. Estes adolescentes acabaram por não expressar totalmente seus doloridos sentimentos, pois se o fizessem, estariam sendo injustos com suas mães.

[...] a gente se conforma mais com a perda porque, em questão se ela tivesse viva ela estaria sofrendo, então tipo a gente se conforma que ela foi devido a esse tipo: poxa ela não tá sofrendo (pausa), então foi bom que ela (não terminou a frase), (A1).

Desta última fala do entrevistado, entende-se que por mais que o

sofrimento tenha cessado com a morte, as dores tenham terminado e que a mãe tenha parado de sofrer, a adolescente ainda sentia dor e tristeza pela perda. Pensar que a mãe não voltaria mais, e ter que de certa forma aceitar isso, causou-lhe sofrimento, o qual ficou evidente nas palavras e no interrompimento da fala. Havia consciência, de certa maneira, da perda materna, porém verbalizar a palavra morte seria dizer que de fato ela morreu, soaria a realidade, a qual muitas vezes parecia ser melhor se ficasse escondida.

Se observa que aceitar a morte da mãe pelo fato dela ter parado de sofrer é uma tentativa de diminuir e aliviar o sofrimento vivido, bem como, de tentar se convencer que talvez tenha sido melhor assim. É uma forma de conformar-se pelo ocorrido e de aceitar, porém, ao mesmo tempo, a não aceitação pela perda ainda existe, a falta ainda se faz presente e torturante. Os sentimentos são

ambivalentes – aceito mas não aceito.

[...] era bastante triste, só que de certa forma a gente já estava preparado, porque como eu falei, naquele momento que ela faleceu, a gente percebeu que ela parou de sofrer, que, que (engasgou, pausa), é, a gente sente muita falta (A2).

Ainda sobre as duas entrevistadas que vivenciaram a perda em detrimento de uma doença, observou-se que elas começaram a perceber a possibilidade da morte, mesmo não sendo totalmente presente, ainda durante a doença e tratamento. A predominância da enfermidade, a dificuldade de tratamento e a questão incurável, remete a ideia de ruptura, perda e morte (Cardoso; Santos, 2013). O fato de vivenciar as dores, mudanças físicas e os próprios efeitos colaterais do tratamento, levaram as adolescentes a aceitarem que talvez a morte seria a melhor solução. Pode-se dizer

que essa aceitação estava carregada de dor e tristeza, pois era o aceitar que a mãe havia morrido, era aceitar a perda mesmo sem querer.

[...] daí novamente fazia tratamento, quimioterapia, radioterapia, tinha os efeitos... A gente acompanhava, era bem (pausa), bem triste, você acompanhar uma pessoa que está em tratamento, perde o cabelo, emagrece (pausa), ela sofria bastante, ficava de cama, as viagens, desde ir para o hospital fazer um soro era torturante, torturante mesmo (A2).

O que foi acima discutido diz respeito a experiência e vivência das entrevistadas ao se depararem com a perda na adolescência, onde deram-se conta da existência da morte. Por conseguinte, pode-se dizer que o processo do luto teve seu início.

Percebe-se que a iniciação do luto se diferenciou, pois para duas das entrevistadas a morte aconteceu

de maneira inesperada, e os sentimentos que predominaram foram raiva e injustiça. Já para as outras duas, a ideia da morte foi se desenvolvendo junto à doença, com a predominância dos sentimentos de tristeza e dor. Ressaltando que esses sentimentos são os que prevaleceram de maneira mais clara para cada caso, porém todas as quatro adolescentes vivenciaram sentimentos similares, alguns com maior ênfase que outros devido ao tipo de morte materna. Para ambos, entretanto, o luto teve seu início na fase da negação.

A primeira fase do luto (e da morte) transcrita pela autora Elisabeth Kübler-Ross é da negação, que é vista como uma proteção que se forma depois de notícias inesperadas e chocantes. A morte parece impossível, onde a pessoa não se sente capaz de acreditar no que aconteceu. A dor da perda é tão grande, que parece irreal. A negação é uma defesa temporária,

que provavelmente será substituída, possibilitando que a pessoa se recupere com o tempo (Kübler-Ross, 2008; Taverna; Souza, 2014).

O que se percebe nos dois casos em que a morte materna ocorreu em consequência de uma doença, é que pelo fato do sofrimento vivido pela mãe estar bastante presente, pesando para as filhas presenciarem, houve tentativa de aceitar a perda como a única maneira de cessar o sofrimento. Então a negação não foi totalmente vivenciada, havendo apenas alguns resquícios dessa proteção psíquica, sendo o sofrimento um deles. Sofrimento por ter perdido e ter que aceitar que talvez a morte tenha sido a melhor solução.

[...] a gente, na verdade na época a gente não entendia muito, mas (pausa), de ver ela sofrendo, essas coisas, isso que (parou de falar), (A1).

[...] foi bem complicado assim, foram dias bem difíceis, até acostumar que tu não, que essa pessoa não vai voltar (A1).

É como se a negação fosse escondida, e na tentativa de negligenciá-la as adolescentes desenvolveram uma aceitação forçada devido a vivência do sofrimento, pois para elas, a morte acabou sendo a única solução. As entrevistadas não conseguiam e não podiam expressar que não aceitavam a morte da mãe, pois estariam sendo injustas com o sofrimento e com elas enquanto pessoas. As adolescentes sentiam tristeza porque além de perderem suas mães, não podiam ser condizentes consigo mesmas. A negação, nestes casos, pareceu ser das adolescentes para com seus próprios sentimentos, onde não se permitiam sentir raiva e tristeza pela perda, porque enquanto estavam vivas, as mães estavam sofrendo.

[...]se ela tivesse viva ela não teria condições de se alimentar sozinha, de ir ao banheiro, então suporta mais a gente, conforta e doí ao mesmo tempo, porque é complicado (pausa). Acho que de ver todo dia a pessoa ali acamada, de não, de não poder ajudar, isso acho que seria pior do que se ela fosse (pausa longa), tipo se ela tivesse viva ela não, ela estaria vegetando, então suporta mais a gente (A1).

Já nos dois casos em que a morte da mãe foi abrupta, as entrevistadas desenvolveram e viveram a fase da negação de uma maneira mais clara, onde puderam expressar seus sentimentos verdadeiramente. É como se nada tivesse os impedido de vivenciar tais sentimentos em relação a perda.

[...] eu era muito revoltada, eu não aceitava nada, porque eu não tinha mais mãe (A4).

Ao tomarem conhecimento da morte, as adolescentes vivencia-

ram dor, raiva e sofrimento, pois a morte da mãe não se enquadrou no padrão e tempo considerados normais por elas. A finitude da vida é ansiogênica e também uma razão de sofrimento, por isso que na adolescência, onde se preza pelos prazeres da vida, a morte é negligenciada e ao mesmo tempo tão impactante. (Moreira; Holanda, 2010).

Para onde foi a adolescência: da infância para a vida adulta

Após se depararem com a morte, diante do impacto causado por essa experiência, as adolescentes começaram a perceber que a pessoa perdida não voltaria mais, precisaram então, adaptarem-se

as suas novas vidas. O que se compreende a partir das entrevistas é que foi difícil aceitar que a mãe não estava mais viva, além de ser doloroso começar a sentir sua falta e ter que viver a dor do rompimento afetivo. Foi difícil perder a mãe e ter que continuar vivendo sem ela.

[...] o sentimento é mais depois, no dia tu leva, tu não sabe o que tu vai fazer, mas depois tu cai na real, tu não tem mais, tu não tem mais com quem contar (pausa longa), era muito difícil não poder mais dormir com a minha mãe sabe?! (A4).

Sobre a fase da adolescência, as quatro entrevistadas trouxeram que essa período de suas vidas praticamente inexistiu. Com a morte de suas mães acabaram assumindo responsabilidades da vida adulta.

[...] ai depois a gente teve que começar a se virar, porque tem que começar aprender a fazer tudo (A1).

Pelos relatos percebeu-se que após a morte da mãe, as adolescentes tiveram que começar uma nova vida, como se a que eles haviam vivido até então tivesse se findado junto a perda. E essa nova vida que iniciaram traziam preocupações e responsabilidades condizentes com a fase adulta. É como se não pudessem ter aproveitado a adolescência, pois sem a presença materna, as incertezas e os medos que caracterizam essa fase não poderiam estar presentes.

“O adolescente não tem a possibilidade de ‘adolescer’, ou seja, desenvolver todo o período de experimentação de seu novo corpo e da sua nova mente. Da infância, pula logo para a fase adulta, tendo de assumir responsabilidades e cuidar de sua subsistência” (KOVÁCS, 2008, p. 55). Após a perda da mãe, precisaram crescer e amadurecer rapidamente para continuarem vivendo.

[...] depois que ela faleceu a gente teve que se adaptar a essa nova (pausa), a essa nova forma... Daí a minha irmã ainda tinha sete ou oito anos, eu ficava em casa, fazia o serviço de casa, almoço, arrumava ela pra escola, foi como se eu assumisse, é (pausa, gaguejou) o lugar dela, desse continuidade (pausa), adolescência praticamente não tive, foi uma vida de adulto (A2).

[...] tive que assumir uma vida de adulto muito rápido assim, amadurecer muito rápido (A4).

Além das responsabilidades, assumiram aos poucos os deveres que condiziam às suas mães. Foram adotando, em parte, o papel que a mãe desempenhava na família e na casa. Em consequência, foram deixando de aproveitar a adolescência, as descobertas e experiências que fazem parte deste período, para viverem uma fase adulta precipitada.

Um assunto bastante realçado nas entrevistas foi sobre o vivenciar

da primeira menstruação. Pode-se dizer que esse acontecimento foi um dos únicos vividos pelas quatro entrevistadas enquanto adolescentes de fato. A primeira menstruação é considerada um indicador de maturação da mulher, é a passagem da infância para a fase adolescente (Brêtas et al., 2012).

[...] daí vem os choque: a primeira menstruação tu vai contar pra quem? (A4).

Pelos relatos se percebeu que a lembrança e a vivência da primeira menstruação estavam carregadas de tristeza. Em consequência da morte materna, esse acontecimento, considerado importante para as meninas, ficou rodeado de dúvidas, medos e incertezas. As entrevistadas manifestaram tristeza por viverem essa experiência sozinhas, sem saberem ao certo o que era menstruação e por não terem com

quem tirar dúvidas ou mesmo compartilhar o acontecimento.

[...] a gente nem era moça ainda (pausa), e não tinha ninguém pra ensinar (A1).

[...] nem deu tempo de alguém me explicar o que que era menstruação (A4).

A partir dessas falas, pode-se dizer que não foi só a questão de vivenciarem sozinhas esse acontecimento que tanto às marcou, mas que ainda se consideravam crianças quando a mãe morreu. Foram abandonadas e não haviam ficado menstruadas e nem entrando na fase adolescente. Ficaram sozinhas e se consideravam incapazes de sobressair à perda por ainda serem crianças. Tiveram consequentemente que sobreviver e passar pelas fases e acontecimentos do desenvolvimento, sozinhas.

As questões acima discutidas dizem respeito as quatro jovens

adultas entrevistadas. A seguir, subdividiu-se a discussão entre as duas adolescentes que perderam a mãe e que não tiveram presença paterna e familiar, das duas que após perderem a mãe, contaram com a presença do pai.

Das que não tiveram suporte paterno e nem familiar após a perda, se observou a vivência mais intensa dos sentimentos de raiva, injustiça e abandono após passaram pela fase inicial do luto (negação). Raiva pelo que aconteceu, por terem perdido a mãe e concomitantemente o laço de afeto e cuidado que os unia. Sentimento de injustiça por não estarem preparadas para ficarem sozinhas, e por não ser justo à ela (mãe) morrer. Para as adolescentes, as mães e elas mesmas, não mereciam isso – Por que comigo? Por que com a minha mãe? A morte era vista como um castigo.

[...] ela sofreu muito na vida, é disso que eu tenho muita raiva, ela sofreu

(pausa), porque a gente nunca teve muitas condições financeiras, e ela sempre trabalhou, então quando a gente comprou a casa, a mãe ia começar a descansar, ia começar a viver, mas deu quanto tempo? Tenho raiva as vezes das pessoas sabe, mas daí eu penso: eles não tem culpa do que aconteceu comigo (pausa, choro), tenho raiva! (A4).

Nesta fala fica evidente os sentimentos de raiva e injustiça. Raiva da vida, das circunstâncias e das pessoas. A vivência do sentimento de injustiça se deu em relação aos outros que tinham a figura materna presente, pois da adolescente o direito de conviver com a mãe foi violado com a morte.

[...] tem pessoas que não, não valorizam pai e mãe, meu isso me corta, porque eu penso: meu eu queria tanto ter e tem gente que não... Isso é bem, isso dói (A3).

Já o sentimento de abandono era vivido em relação aos familiares,

que não as acolheram e cuidaram. Vale ressaltar que os sentimentos de raiva e abandono não eram sentidos em relação à própria mãe, que com a morte as abandonou. Eram sentidos pelos outros, que não se fizeram presentes quando as adolescentes precisaram. A mãe era (e ainda é) vista como uma pessoa perfeita, e uma fonte de amor.

[...] não tinha ninguém pra me apoiar, sozinha, eu me virei sozinha, sempre sozinha (pausa), eu sofri muito mesmo, minha família não me aceitava (A3).

[...] eu sentia abandono, tu acha que alguém queria pegar minha tutela? Não tenho consideração nenhuma por parente (A4).

Sobre o período condizente com a adolescência, essas duas entrevistadas trouxeram que a vivenciaram com a prevalência dos sentimentos acima descritos. Não tiveram com quem contar durante essa fase, ficaram perdidas e

sem rumo. É como se tivessem perdido suas mães e consequentemente o sentido de suas vidas, como se não tivessem mais por quem viver, e a quem respeitar. A mãe era para elas um sentido de direção e um ponto de sustentação, sofriam por se considerarem jovens onde tinham muito ainda que aprender e viver com elas. Ao mesmo tempo que não compreendiam o porquê de terem perdido a mãe, o pai, os familiares, a vida que até então consideravam normal e que as confortava.

[...] revoltada eu fiquei, totalmente revoltada, como eu era muito revoltada, teimosa, daí eu não, não sei, porque eu pensava: ah, igual ela morreu, então né (pausa), eu não tinha apoio, não tinha ninguém pra me apoiar, de nenhum dos lados, nem da parte do pai e nem da mãe (A3).

[...] que que tu pensa em família? Que que eu penso é em mãe, só que eu não tenho mãe, então eu não

tenho família (pausa longa), parece que tudo é contigo, perde o pai, a mãe, tudo que tu ama tu perde (A4).

O sentimento de abandono vivido após a morte da mãe, fez com que estas duas adolescentes buscassem alternativas para sobreviverem à nova realidade, onde acabaram achando um parceiro na adolescência. Percebe-se que fizeram essa escolha para não ficarem totalmente sozinhas, como uma tentativa de minimizar o sentimento de abandono que sentiam pela perda da mãe, pelo descaso dos familiares e pela ausência da figura paterna. Bem como, uma forma de receber carinho e cuidado, como recebiam de suas mães, e de transferir os seus sentimentos de afeto para outra pessoa. Relataram a questão de ir morar junto com o namorado como uma das únicas alternativas que encontraram para continuar vivendo sem a presença materna.

[...] comecei a namorar cedo, isso foi uma escapatória, mas foi um erro, queria ter um vínculo com alguém, porque como eu disse, eu me casei, comecei a namorar, fiquei com o meu marido não porque eu gostava dele, mas pra ter alguém (A3).

[...] eu tive que me ajuntar com o fulano, porque tu acha que alguém quis pegar minha tutela e se responsabilizar por mim? Então eu sentia abandono (A4).

Já no caso das duas adolescentes que após a morte da mãe, tiveram a presença paterna, os sentimentos de raiva e revolta não se manifestaram nas entrevistas. Conforme os relatos, os pais foram de extrema importância, pois não ficaram desamparadas ou completamente sozinhas. Sentiam a falta da mãe, entretanto tinham a presença paterna da qual puderam contar. O sentimento de abandono causado pela perda, foi amenizado pela presença do pai.

[...] quem tomou parte depois foi o pai, que foi um pai e uma mãe pra gente (A1).

Os sentimentos que predominaram foram de tristeza, falta e sofrimento. Era difícil aceitar e acostumar com a ideia de que a mãe não voltaria mais, e ao mesmo tempo era dolorido ter que lidar com o vazio que se formava. Porém, percebeu-se a vivência desses sentimentos de maneira cautelosa por essas duas adolescentes, pois tinham que mostrarem-se fortes e adultas, além de suportarem o que estavam sentindo, para apoiar aos pais e aos irmãos mais novos.

[...] no começo tu sofre, mas depois vai passando (pausa), até acostumar que essa pessoa não vai voltar (A1).

[...] dias difíceis (pausa), muita tristeza, era triste a lembrança (pausa), aí com o tempo a gente vai se acostumando (A2).

A questão da lembrança foi trazida pelas quatro entrevistadas. Lembranças boas, que também torturavam pela saudade da mãe. Era um lembrar constante da pessoa perdida, onde todos os detalhes e características em relação à mãe eram (e continuam sendo) lembradas: o jeito de falar, a fisionomia, o cabelo, a maneira de se vestir, como cozinha... Ou seja, lembranças que acabavam gerando sofrimento, tristeza e mais saudades.

[...] a gente acabada lembrando, todo dia, da presença, da pessoa, você lembra, tem saudades (A2).

[...] eu fico pensando muito nela, muito, muito, muito, bastante (pausa), sempre foi assim, sempre foi (A3).

[...] mas eu só tenho lembranças boas, só que o que mais me dói é da lembrança que eu tenho quando ela pediu desculpas por não poder cuidar de mim (pausa), eu tinha que cuidar dela, não ela cuidar de mim

(pausa, choro), não consegui isso (A4).

Ficou evidente também a vivência dos sentimentos de arrependimento e fracasso, como se tivessem falhado. As adolescentes sentiam isso pelas coisas que consideravam erradas e que fizeram às mães, bem como, de não terem feito o suficiente, e nem aproveitado mais a presença delas.

[...] lembro das coisas que ela falava (pausa), porque não aproveitei mais, porque eu briguei? (A1).

[...] sentimento de não ter feito o suficiente pra ajudar, ou ter aproveitado mais (pausa), podia ter feito mais, não fiz o suficiente, não consegui (A4).

Por conseguinte, sobre o desenvolvimento do luto durante o período condizente com a adolescência, pode-se dizer que predominaram as fases da raiva e da depressão. A fase da raiva surge,

geralmente, após o indivíduo se dar conta do ocorrido e da irreversibilidade dos fatos. Há sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. Já a fase da depressão, ocorre quando não há mais como negar os fatos e nem negligenciar a morte. Os sentimentos de raiva, injustiça e tristeza cederão o lugar a um grande sentimento de perda (Kübler-Ross, 2008; Taverna; Souza, 2014).

Os sentimentos de raiva, injustiça, abandono, tristeza e sofrimento, de uma maneira geral, marcaram o luto durante a fase da adolescência dessas quatro entrevistadas. Porém, houve a predominância de sentimentos diferentes pela interferência de alguns fatores, como o tipo de morte, por exemplo.

Vale ressaltar que das duas entrevistadas que tiveram onde se amparar após a perda, a fase do luto que mais predominou foi a de-

pressão, enquanto que as outras duas que não encontraram suporte, foi a da raiva. Entretanto, vale observar que todas vivenciaram sentimentos semelhantes, sendo uns mais intensos que outros. Depois da negação, continuaram desenvolvendo o luto entre a fase da raiva e da depressão, em uma ambivalência constante de sentimentos.

Jovem adulto que me tornei: a dor do vazio que não cessa

[...] uma vida meio que sem sentido, perdida, sem rumo, sem objetivos (A4).

No momento que se encontram, as jovens adultas trouxeram for-

temente o sentimento de arrependimento. Para as entrevistadas, suas mães sempre fizeram tudo pelos filhos, mas elas sentem como se tivessem falhado, ou seja, como se não tivessem feito o suficiente para retribuir, ou que deixaram de fazer e dizer coisas boas às mães. É como se não tivessem aproveitado o tempo que tiveram com elas.

[...] minha mãe sempre me falava: hoje vocês brigam, não me valorizam, mas quando vocês não me tiver mais vocês vão sofrer (A3).

[...] eu sinto que poderia ter feito mais por ela, ela sempre se preocupou e cuidou de nós, nós não fizemos isso por ela (A3).

[...] por que não foi hoje que aconteceu isso? Se fosse hoje ia ser diferente (A4).

Outra questão realçada pelas quatro entrevistadas é que constantemente pensam como seriam suas vidas se a morte não

tivesse acontecido. Bem como, que talvez os sofrimentos, dores, decepções e as decisões que julgaram erradas ao longo da adolescência não teriam acontecido, pois haveria alguém com quem contar, se apoiar e pedir ajuda. Trouxeram que são suposições, mas que pensam que suas vidas, e elas mesmas, seriam melhores se suas mães ainda estivessem vivas.

[...] eu penso: o que que seria da minha vida se eu tivesse eles? Acho que muita coisa que eu sofri, não teria sofrido se eles estivessem aqui (A3).

[...] seria tudo diferente, mas não tem como saber como seria, o que que eu seria hoje? Tenho certeza que eu seria uma pessoa melhor (A4).

As jovens adultas afirmaram que tentam evitar ao máximo pensar na morte da mãe, pois quando o fazem, é como se revivessem toda a experiência novamente. Fica evidente nos relatos a

dor que a perda ainda causa, tentam esconder e amenizar não lembrando da morte, pois o lembrar as remete a uma dor que nunca cessa e a um vazio que parece nunca ser preenchido.

[...] a gente pensa que supera, mas quando toca no assunto (parou de falar), (A2).

[...] eu não penso no dia a dia, porque dói, eu não penso, então (pausa), não fica me machucando de certa forma, podia passar o dia inteiro dormindo, porque dormindo eu não sinto nada, eu não lembro de nada (A4).

Os sentimentos de tristeza e saudades são bastante vivenciados nessa fase que as entrevistadas se encontram, e se fazem presentes como uma dor continua, que não atrapalha consideravelmente o viver delas, mas que é sentida sempre, mostrando que ainda existe algo que não melhorou e se elaborou.

[...] hoje é difícil, é bem sofrido mesmo, sofrer a gente ainda sofre (pausa), as vezes a gente para, pensa, dá uma tristeza, é a saudade que fica né (A1).

[...] é um sentimento que você lembra todo dia, você lembra, tem saudades, mas de forma diferente, você sabe que a pessoa não vai voltar (A2).

Elas afirmaram que a saudade da mãe é maior agora do que na época que vivenciaram a morte. É como se no momento que se encontram, as jovens adultas conseguissem entender melhor tudo que aconteceu, além de sentirem ainda mais a falta e presença da mãe. O que pode ser observado também, é a necessidade de identificação da filha com uma figura feminina, que para elas é representada pela mãe. É saudade e certeza de saber que isso não acontecerá. Neste momento de suas vidas, sentem o vazio criado pela perda concreta da mãe, ao

mesmo tempo que querem preenche-lo, sem êxito.

[...] sofro bastante ainda com isso, hoje eu acho que sofro mais do que na época (A1).

[...] faz muito tempo sabe, tem os momentos que eu sofro muito, mas tem os outros que eu tô fria (A4).

Por mais que as entrevistadas afirmem que estão conformadas, que o sentimento de tristeza diminuiu porque tiveram que aprender a viver com a perda, e por não terem como reverter a situação, se obrigaram a seguir sem a presença da mãe. Observou-se por meio dos relatos, que há negligência para com seus próprios sentimentos. Elas acabam negando e camuflando a presença de alguns sentimentos para não sofrerem tanto.

[...] não sofre mais tanto (pausa longa), é difícil, mas não tem muito o que fazer, tu se obriga a acostu-

mar, vai ter que aprender a viver com a perda (A1).

[...] mas enfim, não tem como voltar, então tem que seguir (pausa), eu acostumei, sabe quando tu acostuma? Que tu não tem (pausa), lógico, quando começa a chegar as datas dói muito (A4).

A questão das datas comemorativas expõe a presença de sentimentos dolorosos em relação a perda. Em torno das festividades destas datas, está a ideia de família, de união, do conviver e comemorar em grupo. Mas para as entrevistadas esse significado não se mantém, pois falta alguém com quem comemorar, a família não está completa. A questão das formaturas de faculdade também foi trazida, pois nessa comemoração há vários momentos dedicados como agradecimento aos pais, o que provoca sentimento de falta dos seus familiares, acentuadamente da mãe.

[...] tem datas que a gente sofre mais (pausa), na formatura foi difícil (A1).

[...] odeio meu aniversário, odeio dia das mães, odeio natal, odeio páscoa, pra mim é um terror chegar a chegar final do ano (pausa longa), vamos fazer a ceia em família? Cara, que família? Eu não tenho família (A4).

Atualmente, as jovens adultas falam da mãe com carinho. A lembrança, por mais que seja dolorosa, também é boa. A imagem que se perpetuou é da mãe como uma pessoa boa, carinhosa e amorosa. O amor sentido pela mãe não cessou com a morte.

[...] sinto carinho pela minha mãe (A3).

[...] melhores sentimentos, era a melhor mãe, tenho lembranças boas (A4).

Percebe-se pelos relatos que a mãe continua sendo considerada uma pessoa fundamental,

principalmente para as duas entrevistadas que não tiveram a presença paterna e familiar. Essa questão lhes causa dor, pois sentem que precisam de suas mães, e ao mesmo tempo sabem que isso não acontecerá. Os sentimentos vividos atualmente por essas jovens adultas são de indiferença para com os pais e familiares.

[...] eu sofro mais pela mãe do que pelo pai, pra mim ele é uma figura desconhecida (A3).

[...] não foi só a perda deles, foi do resto da família, foi todo mundo (A3).

[...] pai não faz diferença alguma, não tenho nenhum amor pelo pai (A4).

Das duas entrevistadas que tiveram e continuam tendo a convivência com o pai, há vivência do sentimento de gratidão pela presença e apoio. Por mais que eles não tenham substituído a pessoa perdida, estiveram pre-

sentes para acolher, dentro do possível, as dores e tristezas advindas da morte da mãe.

[...] a gente tem muita sorte que nem com relação a presença paterna, a gente vê muitas situações que os filhos ficam praticamente abandonados, e a gente não tem como se queixar dessa parte (A2).

Por mais que houve a presença paterna em dois casos, observou-se através dos quatro relatos que o vazio formado a partir da perda é insubstituível – está é uma vivência comum para todas. Por mais que atualmente se encontrem formadas, trabalhando e vivendo suas vidas, existe continuamente a presença do vazio, da perda e do sentimento de tristeza e saudades. É como se vivessem, realizassem sonhos, mas mesmo assim não conseguissem ser felizes. A sensação é de que ficaram presas as mães e acabaram morrendo junto.

[...] e não tem nada que substitui sabe? (A3).

[...] não tem como explicar a dor que tu sente por dentro, meu, parece que teu mundo, não tem como explicar, parece que tu morre por dentro assim, que só tá teu corpo ali, que o resto, não tem mais nada, só quer cair (A4).

Sobre o desenvolvimento do luto, percebe-se que está sendo de difícil elaboração. É como se a morte da mãe não pudesse ser elaborada, e os sentimentos dolorosos em relação a perda serão eternamente sentidos, oscilando entre momentos mais intensos e amenos. No momento em que se encontram, não há uma fase do luto que caracterize corretamente o que as entrevistadas estão vivendo. O que se pode dizer sobre isso, é que o luto continua sendo desenvolvido e vivido entre a fase da raiva e da depressão, de maneira ambivalente.

Considerações finais

A vivência da morte materna foi uma experiência devastadora para as adolescentes, onde durante a realização das entrevistas ficou difícil de controlar a emoção e a comoção compartilhada empaticamente. Pude perceber que, por mais que a perda tenha ocorrido há algum tempo, os sentimentos em relação à experiência ainda são vividos intensamente.

A percepção que tive, a partir dos relatos, foi de que essas jovens adultas carregam sentimentos que as machucam, mas acabam por não expressá-los para tentarem passar a imagem de pessoas fortes – para os outros, mas principalmente para elas mesmas. Verbalmente expressam que não sofrem mais com a morte, entretanto, diante da minha própria vivência com cada uma, pude perceber e sentir

que ainda há muita dor, tristeza e sofrimento.

Acredito que as entrevistadas acabaram assumindo essa postura para tentarem, além de amenizar seus próprios sentimentos, afastar as pessoas para que não perguntem sobre como elas estão se sentindo em relação à morte, pois falar sobre isso causa dor e remete a lembranças doloridas. Falar é relembrar e reviver.

Percebi que vivenciar a morte da mãe as desestruturou psiquicamente, pois a morte era de fato negligenciada. Foi um dar-se conta do doloroso a partir da perda. Além de sofrerem durante a adolescência, percebe-se que essa vivência repercute nas suas vidas adultas, pois ainda se consideravam crianças quando perderam suas mães, não haviam menstruado e entrado na fase da adolescência, nem amadurecido física e mentalmente para vivenciar a morte. Esse pensamento

de se ainda consideraram crianças é algo que as entrevistadas não conseguem aceitar e elaborar. Ainda eram crianças, eram pequenas, mas mesmo assim perderam e viveram a morte da mãe.

A percepção que tive após as entrevistas, foi de que a ligação entre as mães e suas filhas era bastante forte. Elas eram tudo para as filhas: proteção, cuidado, afeto, direção, exemplo, sustentação. As jovens adultas se consideravam crianças necessitando de proteção e cuidado das mães. Para as entrevistadas, perder a mãe foi sinônimo de perder tudo que tinham na vida, até mesmo a si mesmas. Agora, é como se tentassem viver, mas ao mesmo tempo sempre há, as vezes de maneira mais presente, as lembranças e sentimentos doloridos que as deixam presas num triste passado, como se não pudessem evoluir, desabrochar e ressignificar.

Diante da minha experiência, percebi que o sentimento de amor em relação às mães aumentou com o crescimento das jovens adultas. O sentimento amoroso é puro e sincero, porém parece ter sido (e continua sendo) alimentado pela saudade, onde acaba sendo prazeroso e doloroso vivê-lo. Posso dizer, a partir destas entrevistas, que o amor e a saudade andam lado a lado, como sempre foi e provavelmente vai continuar sendo.

Posso afirmar e reafirmar que a psicologia é de suma importância diante dos casos de morte e elaboração da perda, do luto. Dessas entrevistadas, pude perceber que não houve elaboração diante da perda. Há tentativa constante de negligenciar os sentimentos em relação a morte da mãe, para amenizar seus sofrimentos, entretanto acabam por se manifestarem algumas vezes.

A psicologia entra como um auxílio, um suporte ou ajuda que acolhe a pessoa em sofrimento de maneira empática e cuidadosa, disponibilizando um ambiente acolhedor em que a pessoa em sofrimento possa expressar verdadeiramente seus sentimentos e a partir disso consiga ressignificar-se. O que de fato, essas jovens adultas necessitam, de alguém que as auxilie para que possam elaborar seus sentimentos e consequentemente o luto. As entrevistadas não falam normalmente sobre a morte materna, e percebem que isso as prendem ao passado,

impedindo-as de elaborarem a perda, vivendo, consequentemente, um luto complicado, quase patológico. É como se tivessem se fixado na raiva e na depressão e não conseguissem sair disso. As jovens adultas estão presas no passado, vivendo a saudade que não passa e o amor que nunca morre.

Ressalto ainda, que se faz importante mais elaborações de pesquisas nesta área, como uma forma de contextualizar, conhecer e desmistificar questões que envolvam a vivência da morte na adolescência.

Referências

AMATUZZI, M.M. (2008). Por uma psicologia humana. 2.ed. São Paulo: Alínea.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Versões de Sentido: Um Instrumento Fenomenológico-Existencial para a Supervisão de Psicoterapeutas Iniciantes. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 165-180. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/11.pdf> > Acesso em: 09 set. 2016.

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinariedade, Porto Alegre, n. 2, p. 310-321, abr/mai/jun. 2007. Disponível em: < <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2016.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. et al. Significado da menarca segundo adolescentes. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 249-255. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n2/a15v25n2.pdf>> Acesso em: 02 set. 2016.

CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira; SANTOS, Manoel Ant nio dos. Luto antecipatório em pacientes com indicação para o Transplante de Células-Tronco Hematopoéticas. Ciência & Saúde Coletiva, Ribeirão Preto, v. 18, n. 9, p. 2567-2575. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a11.pdf>> Acesso em: 29 ago. 2016.

DELALIBERA, Mayra. et al. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. Ciência & Saúde Coletiva, Lisboa, v. 20, n. 4, p. 1119-1134. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n4/pt_1413-8123-csc-20-04-01119.pdf> Acesso em: 20 ago. 2016.

FORGHIERI, Yolanda Cintr o. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 1, p. 144-157. 2007. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a13.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2016.

GOMES, Flávia Azevedo. et al. Mortalidade materna na perspectiva do familiar. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, n. 40, v.1, p. 50-56. 2006. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41508/45102>> Acesso em: 22 ago. 2016.

HOHENDORFF, Jean Von; MELO, Wilson Vieira de. Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, n.2, p. 480-492. 2009. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a14.pdf>> Acesso em: 06 out. 2016.

KLAUS, Marshall H; KENNEL, John H. Pais/beb : a formação do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KÓVACS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2008.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MAIA, Sonia Alice Felde. Câncer e morte. o impacto sobre o paciente e a família. Curitiba, 2005. Artigo de Especialização em Psiconcologia, Hospital Erasto Gaertner, 2005. Disponível em:

<<http://www.intercef.com.br/artigos/cancer-e-morte-o-impacto-sobre-o-paciente-e-a-familia.pdf>> Acesso em: 20 set. 2016.

MELES, Marina Candiani. O adolescente vivenciando o luto pela morte de um dos genitores: repercussões na esfera escolar. Ribeirão Preto: USP, 2014. Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-06022015-182834/en.php>> Acesso em: 22 ago. 2016.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. Psico – USF, Curitiba, v.15, n.3, p. 345-356, set/dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a08.pdf>> Acesso em: 26 set. 2016.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Humano. 10.ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PERUZZO, Alice Schwanke. et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 449-461, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a08.pdf>> Acesso em: 29 ago. 2016.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>> Acesso em: 22 ago. 2016.

ROGERS, Carl R. Psicoterapia e consulta psicológica. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Simoni Crochi dos; KREUTZ, Carla Meira. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. 2014. Disponível em: <

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a06.pdf>> Acesso em: 12 set. 2016.

SILVEIRA, Rogério Zanon da; FISHER, Cleiton; OLIVIER, Marilene. A Fenomenologia como Método de Pesquisa: uma Análise a Partir dos Trabalhos Publicados nos Principais Eventos e Revistas Nacionais em Administração - 1997 a 2008. XXXIV Encontro da ANPAD: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eor14.43.pdf> > Acesso em: 09 set. 2016.

TAVERNA, Gelson; SOUZA, Waldir. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. Caderno teológico da PUCPR, Curitiba, v.2, n.1, p. 38-55. 2014. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=oahUKEwjRoKfbjK3PAhVIGpAKHYEYAZQQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww2.pucpr.br%2Ffreol%2Findex.php%2Fteologico%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D14546&usg=AFQjCNFxyoLThL8Qmsny-tNIZZ--3Tvq1g&bvm=bv.133700528,d.Y2I>> Acesso em: 26 set. 2016.

ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. Estudos de Psicologia, Londrina, v. 7, n. 2, p. 399-406. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a21v07n2.pdf> > Acesso em: 21 ago. 2016.

WAGNER, Adriana. et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, jan-jun. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a08.pdf> > Acesso em: 21 ago. 2016.

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 22/11/2023